

***O TOSTÃO CONTRA O MILHÃO: A COBERTURA DA CAMPANHA
PELA PREFEITURA DE SÃO PAULO PELO JORNAL O ESTADO
DE S. PAULO (1952 - 1953)***

***THE PENNY AGAINST THE MILLION: THE ELECTION
COVERAGE FOR THE CITY OF S. PAULO BY THE NEWSPAPER
O ESTADO DE S. PAULO (1952 – 1953)***

Thiago FIDELIS*

Resumo: O presente artigo procurou analisar a eleição para a prefeitura de São Paulo em 1953 sob a ótica do jornal *O Estado de S. Paulo*, periódico de maior tiragem e o mais influente na política paulista dessa época. Devido a uma lei federal, desde os anos 1920 não havia sufrágio para o Executivo paulistano; quando a lei foi revogada em 1952, surgiram duas campanhas que polarizaram a disputa, a do secretário estadual de Saúde, Francisco Cardoso, representando a situação e a do deputado estadual Jânio Quadros, representando a oposição. Apoiando a primeira campanha, o jornal estruturou suas notícias com base nessa perspectiva, e seus desdobramentos foram analisados e refletidos nesse breve espaço.

Palavras-chave: História da Imprensa; O Estado de S. Paulo; Eleições Municipais.

Abstract: This article analyses the election for the city of S. Paulo in 1953 by the newspaper *O Estado de S. Paulo*, the highest circulation and the most influential periodic. Because of a federal law, a 30 years ago don't have election for São Paulo mayoral; when the law ended in 1952, there were two campaigns that polarized, the State Secretary of Health Francisco Cardoso and the state representative Jânio Quadros. Supporting the first campaign, the newspaper has structured your news based on this perspective and its consequences will be analyzed here.

Key-word: Press History; O Estado de S. Paulo; Municipal Elections.

Introdução

Após as movimentações civil e militar que tiraram o presidente Washington Luís e empossou Getúlio Vargas no poder em fins de 1930, toda a política nacional passou a atuar sob o sistema de interventorias, ou seja, grupos que trabalhariam no Executivo por escolha ou indicação do presidente (SOUZA, 1990, p. 87-95). Com os desdobramentos e disputas políticas ao longo do governo Vargas (1930/1945), em praticamente todo o território as eleições diretas voltaram a ocorrer, principalmente após a deposição do presidente em 1945. No entanto, não foram todas as cidades que voltaram a ter essa autonomia: algumas delas foram consideradas como território de interesse nacional, consideradas pontos estratégicos para o bom funcionamento do país; entre essas cidades São Paulo figurava como o principal caso, já que era considerada a maior e a mais

* Doutorando em Ciências Sociais - Universidade Estadual Paulista - Campus Araraquara. Graduado e Mestre em História - Universidade Estadual Paulista - Campus Franca. E-mail: fidelisrp@gmail.com

desenvolvida economicamente do Brasil. Essas cidades ficaram impedidas de escolherem seu representante no Executivo; esse seria indicado a critério do Executivo estadual (ou nacional, como o caso da capital do país, Rio de Janeiro).

Com a instalação da Assembleia Constituinte em 1946 a discussão voltou à tona, mas não teve apoio da maioria dos políticos, que viam como uma grande importância manter São Paulo sob intervenção. Porém, em 1952 o assunto ganhou força; no início dos trabalhos da Câmara Municipal de São Paulo em 1948, o então vereador Cid Franco, do Partido Socialista Brasileiro (PSB), fez um requerimento para o governo federal, no intuito de procurar meios para regularizar a situação de São Paulo como cidade autônoma; uma comissão foi nomeada para visitar o Executivo paulista em busca de explicações, sendo que dentre os vários políticos que fizeram parte dessa comissão esteve o vereador Jânio Quadros, do Partido Democrata Cristão (PDC).

O jornal *O Estado de S. Paulo* (OESP), favorável à autonomia, analisou esse processo através de uma evolução natural, já que a democracia ia amadurecendo aos poucos, com a população aprendendo a votar melhor (ou, em outras palavras, votando majoritariamente em candidatos não alinhados ao poder):

Acreditamos, porém, que, por mais insensato que seja, o eleitorado andará, nesse particular, com mais prudência que o chefe do Executivo passado. Bastaria isso para darmos o nosso apoio ao projeto ora em discussão. Mas outra razão existe para que assim procedamos. É que, libertando S. Paulo e Santos da intervenção do governador nos negócios municipais, o projeto se ajusta ao espírito e à letra da Constituição federal a qual, como assinalamos no princípio, estabelece, como regra geral, a eleição de prefeitos e considera essa eleição um dos atos característicos da autonomia municipal (OESP, 02.09.1951).

Depois de inúmeras movimentações a nível federal, no fim do ano tal dependência foi revogada, e São Paulo e outras cidades no país passaram a ter, novamente, eleições para o Executivo local. No Senado, a aprovação do projeto ocorreu com margem de votos bastante apertada, pois vários parlamentares de outros estados não possuíam interesse na autonomia política paulistana, além dos representantes de São Paulo ligados ao Partido Social Progressista (PSP), que temiam perder o controle da prefeitura (já que o governador do estado, Lucas Nogueira Garcez, era do partido e tinha total liberdade para indicar os nomes que ocupariam a prefeitura).

No dia 10 de outubro, o projeto foi aprovado pela Câmara e assim a autonomia estava restabelecida tanto para São Paulo quanto para algumas outras cidades. OESP, ao

destacar tal ato, levantou os desafios que o novo prefeito paulistano (que seria escolhido por votação direta) enfrentaria:

O governo desta Capital é, hoje, tão difícil como o de alguns Estados do Brasil. A população cresceu extraordinariamente e os serviços públicos não lhe acompanharam o desenvolvimento. Tudo terá que fazer o futuro prefeito para acudir aos sofrimentos da população e aperfeiçoar os serviços públicos. Não pode ser escolhido para o cargo um cidadão qualquer. Só poderá ser escolhido para ele um homem de valor e, sobretudo, um homem que não seja mero fantoche político, livremente manejado pelos majoritários da politicagem estadual (...) (OESP, 12.10.1952).

A partir dessa questão, as movimentações para a candidatura a prefeito de São Paulo tomaram conta do ambiente político da época, pois o posto de prefeito da maior cidade brasileira era altamente cobiçado por qualquer grupo político.

As eleições para a prefeitura

A disputa pela prefeitura de São Paulo não englobaria apenas a situação local, mas sim a política estadual e nacional, uma vez que o estado de São Paulo concentrava o maior número de eleitores da época, possuía a capital mais populosa do país e a mais economicamente ativa. Com sua população de origens étnicas diferentes e sua diversidade cultural, a cidade pulsava de várias maneiras distintas, sendo um local plural, quase impossível de falar-se em unidade cultural e social.

Tal diversidade também esteve presente na política, como o contexto estudado demonstra. A disputa entre o governador Garcez e seu “padrinho político” Adhemar de Barros (ambos do PSP) chegou a um conflito declarado em torno da definição de um nome para a candidatura à prefeitura; ambos já vinham de uma relação desgastada desde o início do mandato, por divergências políticas em relação à composição do secretariado (SAMPAIO, 1982, p. 75-76). O governo de Garcez era visto com bons olhos pelo empresariado e sua imagem ia ficando cada vez mais forte tanto a nível estadual quanto a nível nacional, tanto que começou a ser cotado por setores de seu partido como futuro candidato à sucessão de Vargas a presidência da república (D’ARAÚJO, 1992, p. 36-40); Adhemar, que tinha perdido apoio de parte do PSP e do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB, partido o qual o atual presidente era filiado), via cada vez mais distante suas chances de fortalecer-se a nível nacional, uma vez que essas disputas internas enfraqueceram sua base, a ponto de não oferecer garantias a Vargas de vitória em um

possível pleito presidencial em 1955, ameaçando a já famigerada aliança selada na eleição passada, quando Adhemar abriu mão de sua candidatura para apoiar o político gaúcho à presidência (o inverso ocorreria na eleição seguinte) (SAMPAIO, op. Cit., p. 67-72). De um lado um político em ascensão, com um governo apoiado por vários partidos e simpático aos setores mais abastados financeiramente; de um outro, um ex-governador com forte capital político mas com perda de apoios, cedendo espaço para as novas forças políticas que surgiam dentro do seu próprio campo de atuação (SAMPAIO, op. Cit., p. 80-81). Assim, o PSP caminhava para um conflito bastante sério dentro de seus quadros, que poderia influenciar o desenrolar político paulista e nacional.

Tudo caminhava para que essa fosse a única disputa política na eleição, uma disputa interna para determinar o nome que sairia vitorioso nas eleições. E tal questão era vista com bastante naturalidade nesse contexto: desde a democratização após 1945, o PSP tinha sido maioria em todas as eleições estaduais paulistas, além de estar aliado a Vargas (político mais popular da época), com a vice-presidência da república (ocupada pelo político potiguar Café Filho) e possuía a maioria das prefeituras e vereadores no estado (SAMPAIO, op. Cit., p. 79). Além disso, o farto apoio político a Garcez trazia ainda uma certeza maior de que o PSP manteria, facilmente, o domínio sobre a capital paulista nessa eleição.

Devido à proximidade com os trabalhadores e suas constantes visitas a regiões mais periféricas da capital, o nome de Jânio Quadros como uma possível alternativa a candidatura oficial começou a ser considerado, embora fosse consenso entre os políticos (incluindo o próprio Jânio) que dificilmente essa candidatura conseguiria um resultado expressivo. A primeira vez que seu nome apareceu como candidato a prefeito foi em 1951, quando havia grande expectativa que fossem realizadas eleições para o Executivo paulistano, juntamente com as eleições ocorridas nas outras cidades. No entanto, a revogação da proibição de eleições para o Executivo paulistano foi sancionada somente um ano depois, sendo o pleito marcado para 1953. O diretório metropolitano do PDC fortalecera o apoio ao nome de Jânio em 1951 por conta de seu destaque como vereador de São Paulo, e seu bom desempenho inicial como deputado estadual; contudo, ao longo de 1952 os membros do diretório foram se aproximando cada vez mais do governador Garcez. Este, defendendo a ideia de uma candidatura única e interpartidária, atraiu o apoio desses membros do PDC, que deixaram de endossar o nome de Jânio como candidato de oposição (BUSSETO, 2002, p. 102).

A discussão em torno de um nome de consenso entre os partidos que já estavam

integrados na campanha envolveu inúmeras correntes distintas: a União Democrática Nacional (UDN, que encontrara espaço no governo que tanto foi contrária na campanha eleitoral), o PTB (sob intervenção nacional, que procurava manter São Paulo sob “rédea curta” para não ganhar muita autonomia e sobrepor-se às lideranças de outros estados), o Partido Social Democrático (PSD, principal agremiação política da época), o Partido Republicano (PR), o Partido Republicano Paulista (PRP) e outros partidos menores (CASTRO, 1959, p. 68). Em um primeiro momento, o próprio Garcez tratou do tema, sendo que uma reportagem do OESP indicou uma possível reunião “secreta”, em que o governador paulista teria se reunido com representantes do PTB (entre eles João Goulart, presidente nacional do partido), do PSD (entre eles o deputado federal paulista Ulisses Guimarães) e da UDN (com o deputado federal paulista Herbert Levy) para discutir uma candidatura única desses partidos, tendo três nomes indicados por Garcez: dois de seus secretários (Nilo Amaral, de Obras; e Francisco Cardoso, da Saúde) e o diretor do Departamento Estadual de Estrada e Rodagens, Ariovaldo Viana (OESP, 30.09.1952).

Posteriormente, foram especulados outros nomes tanto no periódico como no meio político em geral, como o do ex-prefeito paulistano Prestes Maia, Hugo Borghi (possuía o apoio de parte do PTB, além de ainda manter o Partido Trabalhista Nacional – PTN - sob seu controle), Marrey Jr. (deputado federal do próprio PSP) e vários outros. Todavia, o nome de consenso acabou sendo o de Francisco Antônio Cardoso. Considerado um dos técnicos do PSP no governo e sem experiência política (assim como o governador até sua eleição), Cardoso possuía um histórico de homem probo, imaculado, acima de qualquer suspeita; para Garcez, seria o nome ideal para o cargo de prefeito, sendo seu homem de confiança para administrar a capital paulista.

A vitória de Francisco Cardoso parecia mais do que certa, e o fortalecimento de Lucas Garcez como provável candidato à presidência da República no lugar de Adhemar de Barros era bastante possível, uma vez que a vitória na capital paulista seria uma prova da sua capacidade de articulação política (CHAIA, 1991, p. 62). Embora não fosse próximo de Garcez (o periódico não considerava-se como porta-voz da UDN, mas defendia seus princípios e sua orientação ideológica) OESP concordou com a escolha, uma vez que Cardoso, embora membro do PSP, era considerado um homem apartidário, que faria um governo de resgate do desenvolvimento paulistano:

A intransigência da UDN seria o trampolim de que não sabemos que

demagogo ou aventureiro saltaria á conquista da Prefeitura da Capital, para nos infligir, a todos os paulistanos, as mais terríveis calamidades (...) Assim, 22 de março marcará mais uma etapa da readaptação em que vamos, para a democracia, depois de oito anos de ditadura e da fase de transição que já devia ter chegado ao seu termo, não fossem os fatores de perturbação e tumulto trazidos pelo divisionismo nas eleições governamentais de 47 e nas eleições presidenciais de 50 (OESP, 18.11.1952).

Em seu livro sobre Jânio, Viriato de Castro colocou que as articulações para o início de sua candidatura teriam começado em um jantar na casa do advogado Chaves de Amarante, em 28 de outubro de 1952; lá estavam presentes membros do PTB como Ataliba Leonel (ex-secretário geral do partido) e Sebastião Maurício.

Após o jantar, essas pessoas teriam iniciado uma conversa sobre política, e os nomes começaram a aparecer como contraponto a Cardoso, inclusive os nomes dos debatedores. No fim da conversa, o nome de Jânio (que já se colocara como candidato em outras ocasiões) acabou sendo um consenso entre os presentes; também foi consenso a ideia de que ele não ganharia as eleições, dada as dificuldades impostas por uma candidatura com apoio dos maiores partidos do país, do presidente e do governador, entre outros nomes. No entanto, Ataliba Leonel acabou mudando de ideia, sendo a única voz dissonante das demais ao colocar que a candidatura de Jânio teria chances de sair vencedora:

O fato é que, explicava o “Zêzinho” (apelido de Ataliba), antes de 1930 os políticos desejavam cassar a autonomia da Capital de S. Paulo, em virtude do seu eleitorado estar já muito independente, livre de qualquer controle possível dos chamados cabos eleitorais e dos partidos. Em 1953, então, o eleitorado bandeirante era um dos mais rebeldes e todo resultado era imprevisível (...) (CASTRO, op. Cit., p. 63-64).

Mesmo com essa perspectiva, o ponto de vista predominante continuou sendo de que as chances de vitória de Jânio ainda eram muito pequenas e o diretório metropolitano do PDC manteve o apoio à candidatura de Cardoso. Porém, o diretório estadual formalizou a candidatura de Jânio à prefeitura, tendo apoio do PSB e de parte do PTB, que indicou como vice o general e também deputado estadual Porfírio da Paz. Com esse conflito, o líder do diretório metropolitano João Castellar Padim e os outros que o apoiavam foram expulsos do partido; tentaram uma apelação à justiça e ao diretório nacional, mas sem sucesso (posteriormente integraram as fileiras do PSP) (BUSSETO, op. Cit., p. 101-108). No início de 1953, o PDC (sob novo comando do

diretório metropolitano, tendo como liderança o vereador Antônio de Queirós Filho) publicou uma nota no OESP relatando sua situação no momento:

“O P.D.C., em face de algumas entrevistas divulgadas como matéria paga, pelos srs. Jeferson Paes e João Padin, resolve, definitivamente, esclarecer que essas pessoas não pertencem às suas fileiras, desde o momento em que desertaram do Partido e passaram a servir no campo contrário (...) Os que receberam do “ademarismo” o encargo de provocar desinteligências no P.D.C. perdem o seu tempo e o dinheiro dos financiadores da campanha. O Partido Democrata Cristão não se afastará da linha que traçou. E não mais dará resposta ao monólogo dos que procuram a notoriedade, falando sozinhos no vazio que os envolve” (OESP, 14.01.1953).

Outros dois candidatos foram anunciados para o pleito: o vereador André Nunes Júnior pelo PTN e o industrial Ortiz Monteiro pelo Partido Social Trabalhista (PST, com apoio dos grupos comunistas). Essas duas candidaturas (em especial a de Ortiz Monteiro) foram bem vistas pelo governo estadual, pois acabariam dividindo os votos dos trabalhadores entre eles e a candidatura de Jânio, evitando qualquer tipo de ameaça à candidatura de Francisco Cardoso. A escolha para os candidatos a vice-prefeito foi bastante tumultuada, pois diferentemente dos nomes das candidaturas para a prefeitura, não havia nomes estabelecidos por consenso (como Cardoso e Jânio, em polos opostos); por fim, o dividido PTB paulista também forneceu o vice para a campanha da situação, que foi Fernando Nobre Filho.

O fim de 1952 e início de 1953 foram marcados na cidade paulistana pela polarização da disputa. De um lado, um candidato sem experiência política, pouco carismático e com muito dinheiro por trás de sua campanha, atendendo interesses de vários grupos econômicos e com um material de divulgação muito bem estruturado, com inúmeras viagens e palanques políticos garantidos nas mais variadas regiões da capital paulista. Por outro lado, um candidato com o visual fora dos padrões dos políticos comuns e de hábitos também fora de qualquer clichê tradicional, com uma candidatura aparentemente pobre, sem recursos, buscando no trato direto com seu eleitor ouvir seus pedidos e dizer com atenção o que poderia ser feito ou não; nos dizeres do próprio Jânio, era a campanha do *Tostão contra o Milhão*, a humildade do trabalhador versus a opulência do patrão:

Os excluídos identificavam-se com aquele candidato que se parecia com o homem comum, barba por fazer, aspecto de plebeu, cara de sofredor, com aparência de faminto e de doente, olheiras profundas, parecendo esgotado fisicamente (...) devorava sanduíches de

mortadela, sentado no meio-fio das calçadas, para afetar simplicidade (KWAK, 2006, p. 71-72).

Os pontos básicos da campanha de Francisco Cardoso foram expostos logo após a formalização de sua candidatura pelo OESP: criar um Plano Diretor e descentralizar os principais pontos de acesso à cidade (criando novos focos de aglomeração urbana), atender os aspectos sanitários e de higiene da população, além de melhorar o abastecimento de serviços básicos (luz, água, entre outros) (OESP, 21.11.1952). Já a campanha de Jânio foi balizada nos mesmos pontos de sua trajetória até então: moralismo público, gestão racional, muito trabalho e pouca trégua, rigidez com aqueles que não seguissem o que estava na lei, entre outros.

Além disso, um elemento já bastante explorado por Jânio e que atingiu o ápice nessa campanha foi a parceria com as Sociedades de Amigos do Bairro (SAB), pequenos grupos que se uniam procurando melhorias para os cada vez maiores e mais numerosos bairros de São Paulo, frutos da industrialização e do crescimento populacional, seja pelo aumento de número de filhos por família, seja daqueles que vinham de várias partes do Brasil (e do mundo) “tentar a sorte” na capital paulista (CHAIA, op. Cit., p. 66). Jânio tinha uma relação muito forte com a Vila Maria, bairro periférico que acabou sendo adotado como a “sede oficial” de sua campanha.

Os comícios alternavam situações: de um lado, o candidato oficial, em palanques muito bem estruturados, buscava demonstrar para a população seu trabalho junto ao governador Garcez, reforçando a visão de alguém competente e capaz de gerir a cidade, também utilizando a figura de Getúlio Vargas como vitrine; com linguagem considerada “técnica”, geralmente via seus comícios esvaziando-se conforme avançava na leitura de seus textos. Por outro lado, a figura discrepante de Jânio, com oratória inflamada e raciocínio rápido, buscava envolver seu ouvinte a todo o momento, não fazendo promessas astronômicas, mas dialogando de forma a procurar construir um novo padrão de vida para todos independente da classe social, pois a dignidade humana tinha que ser acessível para toda na cidade, não apenas para poucos.

No início de 1953, a UDN oficializou seu apoio a Cardoso, em nome da governabilidade e do “renascimento” de São Paulo (OESP, 11.01.1953) e, desde então, OESP passou a dar amplo espaço a esta campanha, tendo parte de seu editorial e várias páginas dedicadas à propaganda do candidato interpartidário:

Figura 1 – Propaganda evocando os mitos fundadores de São Paulo



Mensagem à Gente de Minha Terra

Paulistas

São Paulo faz, hoje, 399 anos. Dentro de 12 meses, a cidade completará seu quarto centenário. De todos os cantos da terra, homens seduzidos pelos índices do nosso surto econômico correrão a visitar o planalto de Piratininga.

Devemos empenhar-nos para que, então, a água jorre mais abundante das torneiras de todas as nossas casas - para que o milagre da energia elétrica ilumine fartamente as nossas ruas e acione generosamente, num regime de pleno rendimento, a maquinaria de todas as fábricas.

Devemos cuidar de que a nossa população e os nossos visitantes desfrutem transporte suficiente e adequado. As nossas ruas precisam ser calçadas - os bairros e as vilas reclamam saneamento, criando-se, para o Povo, condições de vida indispensáveis à própria vida humana. São Paulo exige a multiplicação das suas escolas, parques infantis, centros de saúde e postos de puericultura.

A metrópole cresceu depressa demais. E é disto que São Paulo padece, mas é também disto que São Paulo se orgulha.

A cidade, contudo, dispõe de seiva e de força para suprir aos reclamos de um progresso incoercível. Aos que não desanimam diante de obstáculos mais aparentes do que reais - e que são todos os que aqui vivem e trabalham - aos que creem em São Paulo - o prodígio de que o Brasil se desvanecce - a minha saudação de quem acredita firmemente, profundamente, na fibra dos que estão a construir esta maravilhosa metrópole gigantesca.

Francisco Antônio Cardoso

PARA UMA GRANDE CIDADE - UM GRANDE PREFEITO!

No dia 24/01, foi publicado o primeiro *Boletim Municipal da UDN*, espaço do jornal que seria mantido até o dia da eleição (22/03) para a divulgação da campanha de Cardoso. Estruturado na coluna superior direita da página, a publicação trazia a perspectiva de por que a UDN teria apoiado Cardoso e quais eram as principais virtudes do candidato, além da divulgação de eventos envolvendo sua campanha:

Figura 2 – Imagem do primeiro Boletim Municipal da UDN



BOLETIM MUNICIPAL DA UDN

N.º 1 | Orgão udenista da candidatura Francisco Antonio Cardoso | 24 de janeiro de 1953

INICIANDO

A partir de hoje, até o dia 22 de março, quando se fará o pleito que há de indicar o primeiro prefeito do município de São Paulo escolhido pelo sufrágio popular, aqui estaremos, neste gasalhoose quarto de página do "Estado", em decidida propaganda da candidatura do professor Francisco Antonio Cardoso à chefia do executivo municipal.

Dirigindo-nos não só aos udenistas militantes e aos simpatizantes dos ideais que propugnamos, mas, por igual, ao eleitorado consciente da Capital, que faz do voto um instrumento de progresso moral e material e não um veículo de paixões rasas, queramos, com o noticiário daquilo que, em nossos arrajais partidários, se estiver, fazendo esforçadamente em prol da eleição do nosso prezioso candidato — que o é também de mais oito partidos políticos — lhes levar, outrossim, a palavra de honesto esclarecimento e de inabalável fé da União Democrática Nacional. Nesta campanha, que ora se inicia, de recuperação política e administrativa, do município alijado, como não podia deixar de ser, em bases moralizadoras, estamos empenhados com todas as nossas energias, olhos postos num futuro próximo de concretas realizações em favor do bem-estar da nossa população, através da aplicação rigorosamente idônea dos dinheiros públicos. A contribuição que a U. D. N. oferece à candidatura do professor Francisco Antonio Cardoso terá, pois, o sentido eminentemente construtivo e desinteressado que tem invariavelmente, inflexivelmente, caracterizado sua linha de ação, de que, estão todos certos, jamais se desviará, ligada que está de modo substancial à sua própria razão de ser.

Lei! é jurada, sabendo honrar com decisão e dignidade os compromissos assumidos, a U. D. N. entra para esta luta com o coração alvorçado de esperanças, de esperanças de que com a vitória do seu candidato, tão bem dotado moral e intelectualmente para as arduas funções do cargo a que concorre, novos horizontes se abram à administração do nosso município e dias mais felizes alvoreçam para o nosso povo.

Para que se possam atingir tão elevados objetivos é que a U. D. N. se apresta para a refrega. Fiel às suas tradições de arraigado amor às instituições democráticas e de religioso respeito aos verdadeiros interesses do povo, aos quais se devota atendendo aos princípios da reta moral e do sã patriotismo, sem os facéis mas, ao mesmo tempo, tão perigosos apelos à demagogia, à qual, desgrazadamente, tem pago o País tão pesados tributos, a U. D. N. convoca os seus religiosos, os seus simpatizantes e o eleitorado esclarecido e consciente da Capital a cerrar fileiras em torno da candidatura Francisco Antonio Cardoso à Prefeitura da Capital, nesta cruzada cívica de tamanha significação para o futuro de São Paulo e do Brasil.

Contrastes e confrontos

O QUE A U. D. N. COMBATE: A DEMAGOGIA

"Pelo desejo de popularidade, pela necessidade de votos, o demagogo quer assegurar-se o favor das massas; em lugar de preparar o povo para conquistar pelo seu esforço ordenado o seu verdadeiro bem, o demagogo promete bens verdadeiros e bens falsos adquiríveis sem esforço. O demagogo é um adulator: fala, não segundo a verdade, mas segundo os desejos do povo, corrompe o povo, inteligência e vontade. Seduzido e enganado pelo demagogo, o povo se atira a novas aventuras, embriaga-se de falsas esperanças, dilata suas novas exigências, forja direitos ineditos. O demagogo é um falso amigo do povo; ele ama o seu próprio interesse, não o povo; ele procura a sua própria vantagem, não o bem comum" Padre L. J. Lebrez.

O QUE A U. D. N. DEFENDE: A VERDADEIRA DEMOCRACIA

"Aquele que ama o povo começa por esclarecê-lo, por livrá-lo da ignorância, dos preconceitos, por levá-lo a compreender a ordem total do mundo, por incutir-lhe a necessidade de um esforço contínuo e bem orientado, por prepará-lo para as grandes tarefas construtivas, por dar-lhe o senso das responsabilidades, o gosto da ascensão cultural e espiritual. Ele o convida a palmitilhar um caminho ascensional, a viver de ideal, a possuir-se, a vencer-se, a aceitar as disciplinas da ação, a sacrificar-se pela justiça. Aquele que ama o povo não quer subir montado nas costas do povo, mas subir o povo com ele, mas elevar-se servindo o povo. Uma nação que quer viver deve proteger-se contra os demagogos, resistir a suas promessas, curá-las de suas ilusões, puni-las severamente por suas mentiras" Padre L. J. Lebrez.

Falam os líderes udenistas

Palavras do professor Waldemar Ferreira, membro do Directorio Regional, ex-presidente da Secção de São Paulo da U. D. N. e vice-presidente do Directorio Nacional

No regime, em que vivemos, de política brasileira, há necessidade de que os varios partidos, em determinados momentos, se congreguem para a eleição dos cargos que independem da votação proporcional, mas precisam do voto majoritário. Um desses cargos é o de prefeito municipal.

Na escolha de candidatos à Prefeitura de São Paulo, urgia preponderar por um homem que, desfeito ao demagogismo reinante, pudesse servir de garantia à decencia administrativa.

Pareceu-nos que estava nessas condições o Professor Francisco Antonio Cardoso, moço que já havia dado mostras de sua capacidade administrativa, na Secretaria da Saude.

Estranham não poucos que a UDN, que é partido de opposição, houvesse adotado candidatura levantada pelo Governador do Estado. Mas não há de que. Sabem todos os que nos conhecem e, de resto, nos acusam pela nossa intransigencia, que julgamos agressiva, que, adotando aquela candidatura, nos animou o proposito de evitar outras que seriam desastrosas para o interesse de São Paulo, e quisemos contribuir para que se evitassem esse grande mal.

Fizemo-lo na defesa dos interesses desta grande cidade, que foi lançada, no seu credito e na sua administração, por administradores inescrupulosos. Erramos? Creemos que não. Estamos tranquilos e convictos de que agimos para o bem-estar do povo paulista, como sempre fizemos.

MARÇO
22
Domingo

O eleitorado udenista comparecerá maciçamente aos colegios eleitorais para sufragar o nome do professor Francisco Antonio Cardoso como seu candidato à Prefeitura Municipal, na certeza de melhores dias para o município de São Paulo.

A abstenção aos pleitos eleitorais é o mais grave delito que o cidadão pode cometer contra o regime democratico, porque deixa o campo livre aos aventureiros de toda a especie, que, organizados, empolgarão os postos de chefia da comunidade.

CONVITE AOS UDENISTAS

Verificando-se hoje, às 18 horas, as anunciadas visitas do professor Francisco Antonio Cardoso à União Democratica Nacional para agradecer oficialmente a escolha que a Convenção Municipal fez de seu nome como candidato da UDN à Prefeitura da Capital, e do sr. Fernando Nobre Filho, o Directorio Municipal da Capital vem convidar os udenistas em geral a comparecer àquella hora à sede central do Partido, a fim de manifestar ao ilustre homem publico o apreço em que é muito justamente tido.

Nessa visita acompanhará o professor Francisco Antonio Cardoso o Governador Lucas Nogueira Garcez.

Fonte: O Estado de S. Paulo, 24.01.1953.

Uma das principais preocupações do *Boletim* era a abstenção do eleitorado, pois temia-se que muitos fossem viajar ou simplesmente não tivessem interesse em participar do pleito (mesmo ele sendo obrigatório). Assim, em várias edições a menção à importância do voto sempre aparecia:

O ELEITOR que não vota não é um verdadeiro cidadão. Ábdicando

do direito de escolher os seus dirigentes, revela ser um comodista ou um indiferente, senão um ignorante. Entretanto, se, pela sua abstenção, somada á de outros iguais a ele, a sociedade fôr presa fácil dos demagogos e dos peculatórios, também sobre o seu lar se abaterá o infortunio, também sobre ele e sobre os seus entes recairão os males que a afligirem (OESP, 29.01.1953).

A questão do envolvimento de Jânio na campanha é bastante significativo, marcada pela população concentrando-se e buscando sorver as palavras do orador; seus comícios, geralmente feitos na rua (em contraponto com os comícios feitos em salões alugados de Cardoso) contavam sempre com o improvisado e com as frases de efeito como quando, durante a noite, as luzes do local onde Jânio estava se apagaram (energia essa fornecida pela empresa Light, que tinha Jânio como *persona non grata* devido às inúmeras críticas feitas pelo político enquanto vereador e deputado estadual):

Em um desses comícios, a luz da rua apagou e, nesse momento, Jânio Quadros dirigiu-se à multidão perguntando se queria que ele continuasse a discursar com a vela acesa. A resposta foi afirmativa e, a partir daquele dia, uma frase de Confúcio, o filósofo chinês, orientou a sua campanha: “Mais vale acender uma vela do que maldizer a escuridão”. Esse símbolo significava que havia uma luz no final de um túnel escuro e que essa luz era representada por Jânio. Posteriormente, em outros comícios, o povo começou a levar velas acesas para expressar sua confiança em Jânio Quadros (CHAIA, op. Cit., p. 69)

É necessário frisar que a questão central da relação entre líder e massas dentro do populismo, que é a manipulação, não ocorreu, necessariamente, nesse caso: não havia nada que Jânio dissesse que ele já não tivesse feito (pelo menos era assim que parecia à população), pois sua ascensão política era bastante recente e aquelas pessoas tinham essas referências (se ele continuaria trabalhando dessa forma como prefeito já seria um outro aspecto, que só poderia ser discutido posteriormente). No entanto, houve o elemento da construção da imagem, questão bastante importante: o Jânio Quadros político era uma personagem, agindo de maneira paradigmática, sem precedentes; no entanto, aquilo não era indicativo de que ocorria em todas as situações. O político não era sempre um caricato; em boa parte das situações de contato com a população, sua conduta não era considerada excêntrica, sendo antes um atento observador e ouvinte dos problemas que os centros urbanos possuíam, comentando depois na Câmara e na Assembleia sobre tais problemáticas. De maneira geral, a forma como Jânio dialogava com a população era diferente de tudo o que se tinha visto até então na política

brasileira:

Jânio da Silva Quadros expressa, ao mesmo tempo, linguagem verbal e não verbal, começando com uma oração verbal e terminando na forma não verbal, através de gestos e até de modificações no seu semblante, características nunca antes observadas em manifestações de caráter público (...) Seu comportamento sempre apresentou, a cada dia, uma nova faceta, mostrando-nos que o Jânio que pensávamos conhecer no seu “todo” nos contradizia, nos surpreendia (VALENTE, 2011, p. 37-38).

Embora oficialmente Adhemar de Barros apoiasse Francisco Cardoso, há indícios de que ele teria contribuído com a campanha de Jânio, tendo em vista que a derrota de Cardoso seria também a derrota de Garcez, enfraquecendo sua imagem para próximos voos na política (SAMPAIO, op. Cit., p. 81). Além disso, outros nomes de destaque na sociedade paulista começaram a interessar-se pela campanha de Jânio, sobretudo aqueles que possuíam problemas com o PSP ou com membros do governo como, por exemplo, o empresário Olavo Fontoura, que concedeu espaço gratuitamente para a campanha de Jânio na Rádio Cultura (uma das maiores audiências da época) (CHAIA, 2004, p. 530).

A eleição foi se aproximando e a dinâmica política sofria alguns impactos: Cardoso não conseguia atingir um grau razoável de popularidade, mas o pacto interpartidário ainda era visto como sinônimo de vitória. André Nunes e Ortiz Monteiro divulgavam muito pouco suas campanhas e Jânio continuava a percorrer a cidade, fazendo comícios e fortalecendo sua imagem de protetor daqueles que não podiam se defender sozinhos.

Em uma das edições do *Boletim*, foi feita uma breve análise dos concorrentes de Cardoso, comentando os problemas que cada um deles possuíam e o porquê de votar no médico para prefeito:

Janio Quadros apoiado pelas legendas do PDC e PSB, dois partidos de ideologias políticas antagonicas. Um cristão com programa que pretende atrair os catolicos desprevenidos o outro socialista, com colorido bem perto do vermelho stalinista (...) O outro candidato J. Quadros dispõe de cinco anos de tribuna na Camara Municipal e na Camara Estadual e, durante todo esse tempo nada de concreto fez para o povo ou para o nosso Estado. Diariamente, ocupava a tribuna da Camara fazendo requerimentos, provocando escandalos, mas uma vez de posse de informações requeridas não mais tratava do assunto, pois o mesmo já não vinha produzir os efeitos desejados. Esse homem que serve ao mesmo tempo a Deus e ao Diabo, o candidato

do PDC aliado agora com os socialistas, não é candidato com possibilidade de vitória (OESP, 28.02.1953).

Muitos partidários viam com desconfiança essa múltipla aliança entre partidos tão discrepantes para a eleição de Cardoso. Próximo à data do pleito, OESP voltou novamente a tratar do assunto; depois de fazer um breve histórico de como a candidatura consolidou-se (ao lembrar dos três nomes indicados por Garcez, o editorial revelou que o nome de Nilo Amaral era o preferido da UDN), a publicação procurou deixar bem claro que a campanha não era pela questão dos partidos em si, mas sim um projeto para São Paulo; e, caso Cardoso não vencesse (cuja hipótese era remota), São Paulo correria sérios riscos:

A UDN já tem declarado reiteradas vezes, com verdade, que não participa da aliança paulista apenas para disputar a seu lado a Prefeitura da Capital. Visa, mais longe, a recomposição política de São Paulo para a escolha de um candidato condigno na sucessão do sr. Lucas Garcez; e, mais alto, a restauração do prestígio de São Paulo na Federação, para que possamos influir, como nos compete, com maior eficiência, nos destinos nacionais.

A vitória do professor Francisco Antonio Cardoso terá essa significação. Sua derrota importaria na derrocada de todo um programa de recuperação paulista, que fermentaria a anarquia interna e anularia a nossa posição no concerto dos Estados (OESP, 03.03.1953).

Os últimos *Boletins* foram marcados pelos ataques às outras candidaturas, especialmente a candidatura de Jânio. Visando principalmente ao eleitorado católico mais conservador, a publicação invocava a problemática da aliança entre um partido católico e um socialista (que, gradativamente, passou a ser chamado de comunista e stalinista), além de membros do PTB que seriam voltados para esta orientação política. Assim, Jânio começou a ser visto como um herege, como alguém que renunciara ao verdadeiro cristianismo em busca de base política para um projeto pessoal (e não para o bem de São Paulo, como seria a candidatura de Cardoso). Na região paulistana de Perdizes, a igreja do local teria sido pichada por partidários de Jânio, com os seguintes dizeres: *Com o povo e com Deus*. A partir desse aspecto, OESP procurou demonstrar como a candidatura de Jânio era nociva a todos os católicos:

O Partido Democrata-Cristão que, mau grado o rotulo com que se enfeita, desenvolve esforços no sentido de ludibriar alguns catolicos desprevidos e de boa-fé, levando-os a aceitar a candidatura do divorcista Janio Quadros á Prefeitura de São Paulo (...) Como

pretender-se amparado por Deus quem serve, de maneira, indiscutível, ao chefe de Moscou? Como julgar-se favorecido pelo amparo divino quem conspira contra a família, batalhando pelo divórcio (...) Com Deus? Nunca! Com Satanás, sim, é que ele está (...) Reflitam bem os católicos! (OESP, 05.03.1953).

E não foram somente os *Boletins* que começaram a investir mais pesadamente contra Jânio, mas também os editoriais. Falando das demagogias feitas por Getúlio Vargas e Adhemar de Barros, OESP louvou o fato de que os partidos de ambos haviam aderido ao acordo interpartidário para compor a campanha de Cardoso; no entanto, a demagogia ainda não havia acabado, pois o PDC e Jânio haviam assumido esse papel:

Nesse momento, deu-se a transferência da demagogia para o Partido Democrata Cristão, que chegara a merecer confiança e que, com esse ato, se colocou contra os mais altos interesses e os mais nobres ideais de São Paulo. Por mera manobra eleitoreira, lançou um candidato que usa a sua legenda, mas nada tem em comum com a essência da democracia cristã e que está sendo acusado por antigos correligionários de maçom, divorcista e anticlerical (...) Pedimos a todos os paulistanos esclarecidos sua atenção para esses fatos, que enumeramos friamente, sem maiores comentários. Meditem sobre eles os nossos patrícios que desejam São Paulo reposto na sua posição de fulcro do Brasil. Verifiquem que do seu voto pode resultar a vitória de forças demagógicas mascaradas de cristãs e que nos levarão, se não forem freadas em tempo, a não sabemos que graves perigos. E, em consequência, compareçam às urnas, a 22 de março, para sufragar a candidatura do professor. Francisco Antonio Cardoso, cuja vitória será a vitória de São Paulo sobre as forças da destruição (OESP, 07.03.1953).

Em outros momentos, o editorial acusou Jânio de ser ingênuo, por acreditar que os comunistas o apoiariam na campanha (estes teriam fechado com a campanha de André Nunes – embora em outras ocasiões o jornal citava que a campanha apoiada era a de Ortiz Monteiro) e de ser demagogo, por realizar inúmeras promessas nos bairros mais pobres, sem saber se poderia cumpri-las ou não (OESP, 12.03.1953); também apontou as incompatibilidades da campanha do político do PDC, que defendia ao mesmo tempo os princípios cristãos e comunistas, fazendo tanto que uns quanto outros abandonassem sua campanha (OESP, 19.03.1953).

Na semana final da eleição, a propaganda intensificou-se no OESP, com imagens cada vez mais bem elaboradas e instigantes do candidato interpartidário:

Figura 3 - Imagem que aparecia no rodapé das folhas do jornal nos últimos dias antes



das eleições

Fonte: *O Estado de S. Paulo*, 15.03.1953.

Figura 4 - Propaganda estampada em uma das primeiras páginas do OESP dias antes da eleição



SEJA JUIZ de si mesmo!

Você é um dos responsáveis diretos pela escolha de um bom ou mau governo. Porque é o seu voto que elege os governantes. Reflita conscienciosamente antes de tomar uma decisão. A quem dar o seu voto? Aos que demagógicamente fazem promessas jamais cumpridas – ou aos que fazem do seu passado de trabalho e realizações a justificativa para merecer o seu voto? Eis a responsabilidade que lhe cabe ao escolher o Prefeito de sua cidade!



Vote em **Francisco Antonio**
CARDOSO "o candidato vitorioso"

Fonte: *O Estado de S. Paulo*, 15.03.1953.

No entanto, nos últimos dias também apareceram propagandas da campanha

Jânio Quadros; embora não existissem comentários favoráveis a sua candidatura, as imagens foram publicadas (mesmo que nas últimas páginas) demonstrando que, mesmo mantendo sua opinião política, OESP era uma empresa, vivendo de anúncios publicitários para sua manutenção:

Figura 5 – Propaganda publicada de Jânio no jornal

**SÃO PAULO PRECISA
DE SANGUE NOVO!!**

**Os Bandeirantes, outrora, fundaram MATO GROSSO!
MATO GROSSO devolve, agora, os benefícios
recebidos dos bandeirantes, na pessoa de seu filho**

JÂNIO QUADROS

**UM MATO-GROSSENSE QUE VAI DAR A SÃO PAULO
SANGUE NOVO!**

**UM MATO-GROSSENSE QUE VAI TRANSFORMAR
SÃO PAULO NUMA NOVA METROPOLE!**

Fonte: *O Estado de S. Paulo*, 19.03.1953.

Figura 6 – Mais uma propaganda da candidatura de Jânio

Milagre da confiança popular



Está irrecorrivelmente decretada a falência dos processos eleitorais que mantiveram, durante tão longos anos, o domínio e a irresponsabilidade de pequenos "clãs" políticos. Resta, apenas, a ratificação nas urnas, que há de completar-se amanhã, pela incomparável firmeza da esclarecida maioria do eleitorado da Capital.

Estes últimos instantes, na véspera da decisão que as urnas vão consagrar, permitem destacar o significado admirável da posição assumida, e já agora de modo indiscutível, pela maioria de nosso povo. Está demonstrada a vitória de Jânio Quadros e Porfírio da Paz, e, por isso mesmo, já é tempo de identificar-se os vencidos, os derrotados, os que decaíram da confiança popular, eis que antes exerceram, ou ainda exercem, em nome do povo, mandatos outorgados em pleitos livres e legítimos, como se espera que o seja, também, o pleito de amanhã.

Salvo a identificação pessoal de que se fizeram verdadeiros símbolos da corrupção, na mais luxuriosa campanha personalista até hoje conhecida pelo País, nenhuma outra figura de homem público recebe, pessoal e diretamente, nesta manifestação final da decisão do povo, a rigorosa e irreversível condenação pública.

São muito numerosos, na verdade, os outros homens públicos que não souberam acreditar no povo e que, por essa razão, não se sentiram suficientemente fortes para afastar de si o convívio de processos políticos execráveis pelo povo. Dessa voluntária fraqueza resultou a insinceridade notória de sua conduta, também porque os seus gestos de rebeldia ao personalismo, de resistência à desfaçatez, de recusa à imoralidade, foram tornando-se cada vez mais tímidos quase ocultos no tremedal das con-

dições, oriundas de interesses políticos que nenhum deles quis lealmente confessar de público. Tornou-se tortuosa, além de hesitante, evidentemente artificial, contendo em si mesma os germes da sua desagração, a quase inacreditável "frente única" de nove legendas vazias, sustentadas apenas pelo apego de uns poucos políticos às posições antes alcançadas e nas quais esqueceram da própria origem dos mandatos exercidos.

Pois toda a verdade seja dita — na sua falta de decisão, no jogo subterrâneo das composições em torno de condutas inconciliáveis, no seu silêncio em face de atitudes escandalosas, nos excessos de métodos eleitorais repudiados pela dignidade popular, foram esses mesmos homens públicos que acenderam, ativaram e tornaram irresistível a rebelião das parcelas mais esclarecidas do povo.

Esse foi o nascedouro do desinteresse popular, contra o qual os seus próprios criadores agora se voltam, na formulação de apelos cuja artificialidade é uma nova razão de desestímulo da consciência cívica do povo.

Diante da angústia que esse panorama político faz surgir no coração de todos os que alcançam a extensão dos malefícios sociais que dele decorrem, é efetivamente consoladora, pelas novas esperanças que desperta, a crescente e impetuosa força de polarização de que se constituíram as candidaturas de Jânio Quadros e Porfírio da Paz.

Um único sentimento justificou e estimula essa formidável recuperação moral e política do povo: — a confiança nos seus dois representantes, homens do povo, cuja formação pessoal se fez nesta portentosa cidade, à vista de milhares de candidados e cuja vida política se desenvolveu de igual modo, sempre caracterizada pela mais absoluta submissão aos princípios de moralidade pessoal e de dignidade pública.

A confiança do povo nesses dois seus representantes teve o condão de criar o espetáculo arrebatador que São Paulo agora oferece à meditação de seus próprios governantes e à emulação de todas as populações brasileiras.

Estabeleceu-se um divisor de águas e os desastros de alguns homens públicos scarretaram a contrapartida da legítima clarificação das correntes populares que já asseguraram a vitória de Jânio Quadros e Porfírio da Paz. De um lado, estão três candidatos, cujo contubernio não conseguiu esconder-se aos olhos do povo, e, do outro lado, está o próprio povo, e somente ele, na comunhão de todas as suas classes, na primeira conquista direta inconfundível do seu direito de auto-governo, de deliberação sobre o que é do seu legítimo interesse.

*

Esse é o conteúdo empolgante da vitória — que se completará amanhã, na palavra definitiva das urnas. Não se sintam banidos definitivamente os que serão superados na pugna eleitoral e que tenham o objetivo verdadeiro de servir ao povo com lealdade e firmeza. Recebam a decisão do povo como a demonstração, que é evidéntissima, de que nem tudo está perdido; pois a confiança do povo, como a fé, também demove montanhas.

São Paulo, 21 de março de 1953

(ca) ANTONIO DE QUEIROZ FILHO — Presidente do Partido Democrata Cristão

ALÍPIO CORREA NETTO, Presidente do Partido Socialista Brasileiro

J. A. MARREY JUNIOR Pelos representantes do Partido Trabalhista Brasileiro.

Fonte: *O Estado de S. Paulo*, 21.03.1953.

Poucos dias antes da eleição foi publicada no OESP uma nota assinada por 39 vereadores paulistanos (o total na Câmara era 45) favoráveis à candidatura de Cardoso, enfatizando suas qualidades enquanto gestor e garantindo sustentação para seu governo em todo seu futuro mandato (OESP, 17.03.1953).

Na quinta-feira anterior à eleição, foram feitos os comícios de encerramento; embora com fortes críticas à candidatura de Jânio, OESP dedicou um pequeno espaço para o comício do candidato pedecista na mesma página em que estava relatado o comício de Cardoso; tal medida, demonstrando a polarização na cidade, procurava também reforçar a imagem de grandeza: de um lado um comício bem estruturado, com várias pessoas importantes falando (representantes do governo federal e estadual) e de outro lado um comício simples, com poucas pessoas participando (segundo o ângulo da foto que não era panorâmica, demonstrando parcialmente o local).

No dia da eleição, o editorial conclamou a população para uma realização “épica”, imprescindível para a existência de todos, valorizando quem deveria ser votado e os perigos da não eleição de Cardoso:

Sentem homens e mulheres, velhos e moços, das diversas origens, de gerações, que a Cidade está em perigo diante do mistifório que acende uma vela para Deus e outra ao diabo, carreando na mesma arca os princípios cristãos e os tóxicos extremistas para a caça ao voto em prol de alucinadas ambições pessoais e de sinistras mistificações eleitoreiras (...) A essa maré de odios e subversão, São Paulo contrapõe o seu senso de ordem, de equilíbrio e de estabilidade. Vota por um candidato ilustre pelas suas qualidades de homem de bem, que instalará na Prefeitura da Capital o regime da lei e da moral, sanando os erros do passado e zelando pela administração sob as normas da mais rigorosa linha reta (...) A batalha está ganha e só pode comprometê-la um tipo de cidadão. É aquele que se fica em casa ou sai a passeio no dia, na hora em que São Paulo precisa do seu voto. Os egoístas, os indiferentes, os preguiçosos, votam por omissão nos maus candidatos. Concorrem para o evento de maus governos (...) (OESP, 22.03.1953).

Resultado do pleito e conjuntura paulista

Por fim, no dia 22 de março, foi realizada a eleição para o cargo de prefeito. No dia seguinte, a apuração teve início, sendo o resultado final divulgado cerca de vinte dias depois, trazendo os seguintes dados:

Jânio Quadros – 284.922 votos (65,8%)
Francisco Cardoso – 115.055 votos (26,6%)

André Nunes Júnior – 18.663 votos (4,3%)
Ortiz Monteiro – 3.756 votos (0,9%)
Branco – 4.374 votos (1,0%)
Nulo – 6.350 votos (1,4%)

Não foi só a vitória que impressionou a todos, mas a diferença de votos: Jânio teve maioria absoluta em praticamente todos os bairros, tanto nas regiões mais pobres como nas regiões mais ricas da cidade. Embora a campanha tenha tido elementos próximos à concepção de luta de classes (como a defesa dos pobres em relação aos mais ricos, além do combate à exploração do empregado pelo empregador), o discurso de Jânio não fomentava uma revolução nos moldes comunistas; mesmo o PSB tinha plena consciência que Jânio não era de esquerda, embora defendesse pontos que convergiam com o pensamento da antiga Esquerda Democrática (HECKER, 1998, p. 102-104).

OESP demorou bastante para digerir o resultado, sendo que os editoriais dos dias seguintes foram todos para a análise da apuração dos votos. Em um primeiro momento, OESP foi taxativo: o povo paulistano não soube votar e Vargas acabou sendo, de fato, o grande vencedor dessa eleição:

Infelizmente, o povo paulistano não compreendeu a significação mais profunda das eleições do dia 22. Por muitas razões (...) preferiu enfraquecer-se a si mesmo, debilitando ainda mais São Paulo (...) O regime democratico sofreu um colapso em São Paulo. Eclipsaram-se os partidos, para que em seu lugar agissem as massas. Evaporou-se assim a essência mesma da democracia, que se exprime pelos partidos com os seus programas e os seus órgãos de pensamento e ação. Foi tudo de roldão, como poderia desejá-lo o velho e renitente caudilho, ameaça permanente de ditadura contra o Brasil (...) Na realidade, é São Paulo que por suas próprias mãos se destrói como unidade politicamente organizada da Federação. E, acima disso, é a República que entra em síncope na síncope dos partidos do mais populoso e mais rico Estado do Brasil (...) (OESP, 24.03.1953).

Após esse primeiro editorial, OESP começou a apontar os vários culpados para a derrota de Cardoso: em um primeiro momento, foi seu companheiro de partido e inimigo do jornal, Adhemar de Barros, que teria falado no comício e espalhado aos quatro ventos que Cardoso era seu candidato, e que daria continuidade ao seu governo e ao governo dos prefeitos anteriores (e já que esses governos tinham sido muito ruins na visão do jornal, essa associação teria prejudicado Cardoso) (OESP, 25.03.1953); depois, foi a incompetência dos partidos políticos e as más administrações, tanto no governo quanto na prefeitura de São Paulo, que fizera com que a escolha por Jânio fosse uma espécie de voto de protesto (OESP, 26.03.1953); eleitores que se abstiveram de votar

(dos quase 700.000 eleitores paulistanos, quase 270.000 não votaram, número que seria suficiente para Cardoso vencer Jânio) (OESP, 28.03.1953), entre outras justificativas.

A Assembleia Legislativa também se manifestou sobre as eleições, parabenizando os eleitos (ambos deputados estaduais) pelo feito, aprovando a seguinte moção:

A Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo manifesta aos ilustres deputados Janio Quadros e Porfírio da Paz o seu jubilo e alegria pelo magnífico resultado das urnas democráticas de 22 de março, em que o povo bandeirante os elegeu prefeito e vice-prefeito de nossa querida cidade (OESP, 27.03.1953).

A eleição de Jânio não foi uma vitória do proletariado contra a burguesia, nem uma revolta contra o capitalismo, embora fosse mais comemorada entre os trabalhadores e os pertencentes aos grupos sociais menos favorecidos economicamente. Após 28 anos sem votar, o eleitorado paulistano escolhera como seu gestor um político com características excêntricas, discurso requintado e altamente moralizante, alguém aparentemente disposto a trabalhar sempre:

Numa segunda-feira de trabalho, passeatas, cortejos, trânsito interrompido, comerciários que abandonam seus “postos” para comemorar. Manifestações partiam dos bairros, tomavam o centro, suspendiam a rotina de trabalho na cidade. A população desfilava em seu dia de vitória (WALMSLEY, 1992, p. 142).

A força política e a liderança de Jânio Quadros possuiriam novas feições a partir desta vitória. O vereador provocativo, seguido do deputado sem travas na língua e intransigente no trato político agora seria o prefeito da maior cidade do Brasil e uma das maiores do mundo; seria o centro da política paulistana, coordenando o Executivo que, na opinião dele enquanto vereador, tinha sido tão mal cuidado e utilizado de maneira apenas a atender os interesses de alguns. Seu *habitus* fez com que seu campo político fortalecesse-se muito, a ponto de ter tido não só uma vitória eleitoral, mas uma vitória simbólica considerável: vencera o candidato da grande coligação interpartidária, demonstrando ter estratégias mais úteis do que os principais partidos (principalmente os dois maiores a nível nacional, PSD e UDN, além do predominante em São Paulo, o PSP).

Com esta derrota, o prestígio do governador Lucas Garcez esfacelou-se: a eleição de Cardoso era vista como uma tarefa fácil e obrigatória para o governador, pois

seu *habitus* também estava fortalecendo consideravelmente seu campo político, e a conquista da prefeitura de São Paulo seria a cereja do bolo para viabilizar seu nome como principal força dentro do PSP, desbancando de vez Adhemar de Barros e sendo um dos nomes fortes para ser o substituto de Vargas na Presidência da República. Garcez reconheceu a derrota, compreendendo-a como um recado direto de insatisfação com seu governo; pensou até em renunciar, visto às dificuldades que vinha encontrando para governar, principalmente no período das eleições, quando ocorria uma greve com cerca de 300 mil trabalhadores na metrópole contra o aumento do custo de vida.

Em relação a Adhemar de Barros, o resultado foi dúbio: ao mesmo tempo em que enfraqueceu as pretensões de Garcez de consolidação de seu capital político, também a imagem do ex-governador sofreu considerável enfraquecimento por ser apontado como uma das principais causas da derrota de Cardoso, uma vez que muitos votos foram dados por anti-adhemaristas, com parte significativa deles pertencentes aos grupos sociais mais privilegiados economicamente da cidade.

Alguns outros pontos merecem ser analisados (mesmo que de maneira breve) para maiores reflexões sobre a vitória de Jânio no pleito de 22 de março. A cidade passava por uma crise de energia, tendo constantemente cortes no abastecimento às casas e, principalmente, às indústrias, causando prejuízos aos donos que, por sua vez, procuravam compensar suas perdas financeiras elevando os preços de seus produtos e reduzindo o número de funcionários, o que aumentava o desemprego e diminuía a circulação econômica na cidade, estimulando menos o seu crescimento. Além da crise energética, também a cidade vinha sofrendo com problemas de abastecimento de arroz e feijão: considerado alimentos “símbolos” da culinária brasileira, eram bastante consumidos devido, sobretudo, ao seu baixo preço. No entanto, seu valor aumentara consideravelmente nos últimos meses por problemas na produção e na distribuição dos alimentos. Por fim, a situação precária de muitos bairros visitados por Jânio desde seu mandato como vereador continuava existindo, levando os moradores a associarem a não melhoria de suas regiões à incompetência e inabilidade dos políticos que estavam à frente do Executivo.

De maneira geral, a votação representou uma luta entre o novo e o velho: a novidade política estranha, porém, competente, contra a manutenção da ordem, que privilegiava poucos em detrimento de muitos. Com uma imagem construída de homem próximo das multidões, Jânio conseguiu arrebatando grande parte dos votos dos mais desvalidos e parcela significativa dos votos daqueles mais abastados, descontentes com

os aspectos da política vigente. Um levantamento feito pela historiadora Silvana Walmsley estruturou o mapa da votação de Jânio na cidade, elencando as regiões onde ele obteve as piores médias, votação parecida com sua média geral e regiões com média de votação mais alta que sua média geral – nesses três grupos, os dados de Cardoso também foram colocados, para efeitos comparativos. No primeiro grupo, foram elencados os bairros com menor votação do prefeito eleito:

Tabela 1: Bairros nos quais Jânio teve as menores votações

Bairro	Jânio - %	Cardoso - %
Jardim América	45,19%	49,17%
Parelheiros	48,17%	50,49%
Consolação	49,63%	43,26%
Santa Cecília	51,70%	42,30%
Aclimação	52,90%	40,80%
Jardim Paulista	54,02%	39,58%
Vila Mariana	56,25%	37,55%
Perdizes	57,11%	36,74%
Cerqueira César	57,54%	36,05%
Sé	59,06%	33,45%
Liberdade	59,08%	33,33%
Santa Ifigênia	60,10%	32,60%
Bela Vista	61,34%	32,60%

No segundo grupo, há os bairros em que a votação de Jânio foi próxima de sua média geral:

Tabela 2: Bairros nos quais Jânio teve média parecida com sua votação geral

Bairro	Jânio - %	Cardoso - %
Guaianazes	64,10%	32,29%
Ibirapuera	64,25%	28,48%
Santo Amaro	65,30%	28,79%
Capela do Socorro	66,34%	29,79%
Butantã	66,53%	27,38%

Cambuci	66,79%	24,25%
Vila Madalena	66,89%	27,45%
Saúde	66,96%	26,19%
Barra Funda	67,11%	25,26%
Indianópolis	67,39%	26,51%
Vila Bela	67,55%	14,66%
Bom Retiro	68,50%	22,62%
Brás	68,73%	21,55%
Jaraguá	68,99%	24,45%

Por fim, nas regiões onde Jânio obteve seus mais altos índices de votação:

Tabela 3: Bairros nos quais Jânio teve média maior que sua média

Bairro	Jânio - %	Cardoso - %
Vila Prudente	69,50%	12,35%
Vila Matilde	69,77%	16,08%
Itaquera	70,07%	21,95%
Tucuruvi	70,24%	22,15%
Mooca	70,93%	19,02%
Santana	71,28%	22,29%
Perus	71,36%	17,12%
Pari	72,33%	19,74%
Ipiranga	72,43%	18,63%
Lapa	72,60%	19,24%
Belém	72,95%	18,72%
Vila Alpina	73,20%	20,16%
São Miguel	73,72%	19,23%
Penha	74,13%	17,06%
Osasco	74,32%	19,54%
Pirituba	74,34%	14,08%
Casa Verde	74,49%	18,70%
Tatuapé	75,08%	17,06%
Alto da Mooca	75,43%	15,55%

Vila Maria	77,88%	13,40%
N. S. do Ó	79,59%	13,70%
Vila Califórnia	83,33%	5,20%

A partir desses dados (WALMSLEY, op. Cit., p. 136-138), é possível ter uma dimensão bastante interessante da amplitude do sucesso eleitoral de Jânio. Na primeira parte, é possível identificar que, mesmo nas suas piores médias, Jânio obteve votação inferior a Cardoso somente em dois bairros (Jardim América e Parelheiros); de todos esses bairros, apenas a região de Parelheiros era uma região composta por maioria de operários, sendo todas as outras regiões compostas por maioria de industriais e/ou comerciantes. Na segunda parte e, principalmente na terceira, há os bairros de maior concentração operária e os mais afastados do centro da cidade, zonas em que geralmente a presença política era bastante escassa. Longe de uma análise aprofundada dos dados, o aspecto ressaltado aqui é a abrangência da votação, demonstrando que Jânio conseguiu um poder simbólico muito grande, aumentando consideravelmente seu capital político:

O capital político é uma forma de capital simbólico, *crédito* firmado na *crença* e no *reconhecimento* ou mais precisamente, nas inúmeras operações de crédito pelas quais os agentes conferem a uma pessoa – ou a um objeto – os próprios poderes que eles lhe reconhecem (BOURDIEU, 1989, p. 187-188).

O político tornava-se, então, um símbolo do novo, a esperança de dias melhores através de suas práticas. Até então, Adhemar de Barros era considerado o grande nome da política paulista, e o mais popular: o PSP era visto, de fato, como o partido do Adhemar (embora as disputas com Garcez indicaram que o partido *não* era de Adhemar, mesmo esse tendo enorme poder dentro da agremiação), e toda sua estruturação tinha sido erigida em cima do capital político do ex-governador, adquirido principalmente no seu período enquanto interventor em São Paulo (1938 a 1941).

Diferente de Adhemar, Jânio não possuía vínculo forte com nenhum partido político. Embora seus mandatos legislativos e a vitória dessa eleição fossem pela legenda do PDC, o prefeito eleito nunca foi um militante do partido, muito menos alguém preocupado com sua organização interna: não foi Jânio quem se adaptou ao partido, mas sim a agremiação que se adaptou ao político. Enquanto vereador, Jânio fez intensa oposição a Adhemar de Barros e aos prefeitos da capital, enquanto o PDC compunha seus governos; como deputado estadual, manteve a postura opositora e os

democratas cristãos acabaram acompanhando-o, tirando de suas fileiras aqueles que não concordavam com essa orientação (BUSSETO, op. Cit., p. 65-86).

O político paulista não tinha grande poder dentro da agremiação, embora seu poder simbólico *fora* do partido fizesse com que a parte dirigente do partido convergisse com ele em assuntos relacionados ao Legislativo paulistano e paulista; após as eleições, o PDC paulista expandiu o número de diretórios, possuindo inúmeros novos filiados, indicando vínculos e uma relação de dependência ainda mais forte com Jânio:

O PDC paulista, aproveitando a visibilidade ganha com a vitória eleitoral de Jânio, teve o número de seus diretórios municipais ampliado, chegando a contar, em meados de 1954, com quase duzentos daqueles órgãos (...) Assim, o partido começava a esboçar uma sombra no enorme esquema político pessepista-ademarista existente no interior paulista. Tal crescimento, no entanto, fora alcançado muito mais em razão do fenômeno político Jânio Quadros do que propriamente em decorrência do trabalho das lideranças democratas cristãs dedicado à ampliação do quadro de militantes. O que significava, em última análise, o aumento do número de pedecistas identificados com a liderança de Jânio nas fileiras do partido (BUSSETO, op. Cit., p.109-110).

Embora já chamasse atenção pelo seu *habitus* já há algum tempo, o protagonista da chamada “Revolução Branca” por alguns jornalistas da época passou a ser reconhecido como uma grande força política com esta vitória, baseado em aspectos e métodos que, se não traziam novidades para ninguém, eram poucos usuais, principalmente nas condições em que Jânio as utilizou. Embora seja difícil compreendê-lo dentro de um tipo sociológico específico, as características de sua atuação lembram bastante a definição de liderança carismática de Max Weber, uma vez que o carisma, embora pudesse ser ligado à política, não emanava necessariamente deste; se Jânio logrou êxitos sucessivos nesses processos eleitorais, era exatamente por colocar-se como uma espécie de antipolítico, ou melhor dizendo, um político que realmente cumpria com suas obrigações, não usando o cargo apenas para benefício próprio (WEBER, 1999, p. 323-330).

E, a partir desse fortalecimento de Jânio, OESP, identificado com o grupo político que não era tão próximo assim do prefeito eleito, também passou a se adaptar a sua forma de governo, dialogando constantemente com seus atos e sua postura a frente do Executivo municipal, mesmo exprimindo forte oposição quanto à sua eleição para prefeito de São Paulo.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Difel/Bertrand Brasil: Lisboa/Rio de Janeiro, 1989.
- BUSSETO, Áureo. *A democracia cristã no Brasil: princípios e práticas*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2002.
- CASTRO, Viriato de. *O fenômeno Jânio Quadros*. São Paulo: 1959.
- CHAIA, Vera L. M. *A liderança política de Jânio Quadros (1947-1990)*. Ibitinga: Humanidades, 1991.
- _____. Um mago do marketing político. In: SILVA, Ana A.; CHAIA, Miguel. *Sociedade, cultura e política: ensaios críticos*. São Paulo: EDUC, 2004.
- D'ARAÚJO, Maria C. *O segundo governo Vargas 1951-1954: democracia, partidos e crise política*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1992 (Série Fundamentos; 90).
- HECKER, Alexandre. *Socialismo sociável: história da esquerda democrática em São Paulo (1945/1965)*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.
- KWAK, Gabriel. *O Trevo e a Vassoura*. São Paulo: A Girafa Editora, 2006.
- O Estado de S. Paulo*. Edições de 1951 a 1953.
- SAMPAIO, Regina. *Adhemar de Barros e o PSP*. São Paulo: Global Ed., 1982 (Teses, 5).
- SOUZA, Maria do C. C. *Estado e partidos políticos no Brasil (1930 a 1964)*. 3 ed. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1990
- VALENTE, Nelson. *Jânio da Silva Quadros: o estadista!* São Paulo: Edicon, 2011.
- WALMSLEY, Silvana M. de M. *Origens do janismo: São Paulo, 1948/1953*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1992.
- WEBER, Max. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília, São Paulo: Editora Universidade de Brasília, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999, 2 v.

Artigo recebido em: 17/09/2015. Aprovado em: 16/02/2016.